



Sterna hirundo

Pingüins-de-Magalhães

(*Spheniscus magellanicus*) no Nordeste: Migrantes ou Errantes?

Andrei L. Roos

Analista Ambiental/CEMAVE

O ano de 2008 será lembrado por um evento até hoje bastante raro e poucas vezes registrado na bibliografia científica: o aparecimento de pingüins em grande quantidade na costa nordestina brasileira. Essas aves apareceram em grandes números no litoral da Bahia e em menor número nos litorais de Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba e até no Rio Grande do Norte.

Mas porque estes registros são tão raros e causam estranhamento?

O pingüim-de-magalhães *Spheniscus magellanicus* (Forster, 1781), possui distribuição nas costas do sul da América do Sul. Suas colônias reprodutivas estão distribuídas desde a costa do Chile até a região da Península Valdez, na Argentina, contornando o Cabo Horn, no extremo sul da América do Sul. As colônias reprodutivas nas Ilhas Malvinas/Falklands, distantes cerca de 483 km da costa Argentina, complementam a população atlântica desta espécie.

As 63 colônias reprodutivas localizadas na costa do Atlântico estão com uma população estimada em cerca de 950.000 pares reprodutivos. A espécie não é considerada globalmente ameaçada, pois possui uma grande quantidade de indivíduos, embora em algumas áreas suas populações têm decrescido, principalmente na sua principal colônia reprodutiva, localizada em Punta Tombo (Chubut, Argentina). As razões para esta diminuição populacional são variadas, incluindo a destruição de habitat e o turismo desordenado nas suas colônias reprodutivas, a poluição marinha e o derramamento de óleo ao longo da costa, a captura

incidental na pesca, entre outras ameaças.

Durante o período reprodutivo realizam deslocamentos em busca de alimentação, que podem ser diários ou durar alguns dias, contudo os indivíduos repetidamente retornam para suas colônias reprodutivas. Após a reprodução, os indivíduos realizam a muda de penas, o que precede a alteração do comportamento das aves para uma vida mais pelágica durante a temporada não-reprodutiva. Por serem aves predadoras ativas, seus deslocamentos estão relacionados a buscas por áreas de alimentação, que consiste basicamente de peixes (espadiilhas e anchovas) e cefalópodos.

Opingüim-de-magalhães realiza migrações para o norte, sendo tais deslocamentos um evento anual e considerado uma das características da espécie. As aves que se reproduzem nas colônias ao norte de sua distribuição, como na Península Valdéz e em Punta Tombo, migram para regiões como a foz do Rio da Prata (35°S) e o litoral sul do Brasil, onde permanecem na temporada de inverno.

Migrantes ou errantes?

Movimentos migratórios são considerados quando indivíduos se deslocam de uma região geográfica para outra, retornando para sua área de origem depois de determinado tempo, estando comumente associados com eventos cíclicos. Em aves, geralmente esses movimentos migratórios ocorrem entre as áreas de reprodução e as áreas de invernada.

Há ainda movimentos irregulares, que podem ocorrer com poucos indivíduos ou em grandes números, gerando indivíduos errantes ou movimentos de escape populacional. Nesses casos os mesmos podem ser associados a grandes densidades populacionais ou falta de recursos alimentares. Embora os deslocamentos

realizados pelo pingüim-de-magalhaes sejam considerados eventos migratórios, a dificuldade reside em definir até que latitude essa migração seria normal, com a possibilidade dos indivíduos retornarem para suas colônias reprodutivas de maneira natural. Alguns autores consideram normal a ocorrência invernal da espécie até 23°S na costa do Brasil, o que equivale ao litoral do Rio de Janeiro, enquanto outros limitam a distribuição somente até os litorais do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

A despeito da falta de consenso sobre o limite norte da sua migração, a ocorrência dessas aves no nordeste brasileira nunca foi considerada um movimento migratório e sim de indivíduos errantes, devido a sua raridade e falta de sazonalidade.

No entanto, neste ano essas aves chegaram em grandes quantidades na costa do nordeste. É possível que o fenômeno tenha causas naturais, associadas a um inverno mais rigoroso e à intensificação da Corrente das Malvinas. Esta corrente traz águas frias e nutrientes mais ao norte criando ressurgências e atraindo peixes e outras presas dos pingüins. Deste modo as aves acompanham a oferta de alimentos até chegarem no litoral nordestino.

Como a grande maioria das aves é jovem, podemos supor que se trata de dispersão de indivíduos jovens. Eventos desta natureza são conhecidos para diversas espécies de aves marinhas, que vagam pelos oceanos enquanto não atingem a maturidade sexual, só retornando as colônias reprodutivas após alguns anos.

Atualmente possuímos poucas informações sobre o retorno dos indivíduos que alcançam a costa do Brasil às suas colônias reprodutivas, especialmente os que se aventuram mais ao norte. Desta forma um programa de marcação dessas aves torna-se uma importante ferramenta para a aquisição de informações e a elucidação dos movimentos migratórios dessa espécie.

PARA SABER MAIS...

BERTHOLD, P. 1996. **Control of Bird Migration**. London, Chapman & Hall, 355p.

PÜTS, K., A. SCHIAVINI, A. R. REY & B. H. LÜTHI. 2007. Winter migration of magellanic penguins (*Spheniscus magellanicus*) from the southernmost distributional range. **Marine Biology** 152: 1227-1235.

SCHIAVINI, A., P. YORIO, P. GANDINI, A. R. REY & P. D. BOERSMA. 2005. Los pingüinos de las costas Argentinas: estado poblacional y conservación. **Hornero** 20 (1): 5-23.



Pingüim de Magalhães *Spheniscus magellanicus* da colônia de Islã Martillo, Terra do Fogo, Argentina. Indivíduos adultos e à direita um indivíduo jovem.